



Hero of End - Treinamento em Aqualúmen

Volume 3

Escrito por leon02d2

Capítulo 1 - Nação dos Tritões

O sol brilhava intensamente sobre o vasto oceano, lançando reflexos dourados que dançavam na superfície das águas. O céu estava claro e sem nuvens, pintado em tons de azul que se fundiam com a imensidão do mar. Ao fundo, vinha o grande navio de transporte, cortando suavemente as ondas tranquilas.

As águas ao redor eram de um azul profundo e cintilante, uma tapeçaria de cores que parecia quase mágica sob a luz do dia. O vento soprando livremente a favor do navio, empurrava as velas com força, movendo a embarcação a uma grande velocidade.

Na proa do navio, estava Kazuki, apoiado no parapeito de madeira, olhando para o horizonte com olhos distantes e distraídos. Apesar da bela paisagem em sua frente, seu coração estava pesado, assolado por tristeza e culpa da recente perda; mas também, com uma motivação mais intensa do que nunca.

A morte de Elena ainda persiste em sua mente, a cena tão vívida, sua expressão, a sensação de seu corpo em seus braços, o cheiro de sangue e cinzas, ele se lembrava de cada detalhe. Mas Kazuki não deixaria isso o derrubar; por mais que doesse, a promessa que fizera para si mesmo o mantinha de pé. A promessa de acabar com a tirania dos demônios, de se tornar o herói que o mundo clama, de salvar vidas...

Foi quando uma voz repentina o chamou a atenção.

— Kazuki, chegaremos em breve — disse o velho marinheiro, capitão da tripulação.

Ele então se virou, um pouco surpreso, voltando à realidade.

— Ah, tudo bem. Vou me preparar — disse Kazuki, se virando novamente para observar o horizonte por mais um momento.

“Já se passaram três semanas desde que embarquei no navio, e eu mal vi percebi o tempo passando. Passei todos os últimos dias com a cabeça distraída, pensando nas diferentes maneiras que eu podia tê-la salvo naquele momento...” Os pensamentos voltaram a fluir, inevitáveis.

“Passei grande parte da minha vida achando que era forte, treinando e me preparando com os bonecos de treino na minha casa. Quando derrotei Phyrutos com Nyra então, mais do que nunca eu achei que estava pronto, que havia me tornado capaz. Mas tudo mudou quando os demônios atacaram a capital, e eu... Não fiz quase nada... Quando chegou o momento decisivo, eu não protegi nem aquele soldado, e nem Elena...”

O vento soprou mais forte, como se quisesse apagar aquele pensamento, mas Kazuki o segurou firme dentro de si.

“Eu percebi... Percebi o quão fraco eu era... Eu falhei quando precisava os proteger, e nunca vou me esquecer disso. Eu preciso me tornar mais forte, preciso me superar, alcançar um nível que eu nunca alcançaria. Agora é minha chance, com o grande mestre do mar, um dos pilares mundiais, eu terei a chance de me tornar forte de verdade.”

Olhando para frente à medida que o navio avançava, Kazuki avista a flutuante cidade de Nautilus. A arquitetura complexa e os canais se tornavam cada vez mais visíveis, com suas construções que pareciam flutuar magicamente na superfície da água. A cidade tinha um charme exótico, com estruturas que se erguiam elegantemente sobre a água e se estendiam até o fundo do mar, criando um cenário encantador e imersivo.

“Elena... Por você, por todos. Eu vou me tornar tão forte ao ponto de enfrentar qualquer em minha frente.” Pensou ele antes de se virar e caminhar em direção ao interior do navio, indo até o seu quarto, onde estava sua bolsa.

Ele olhou ao redor, o pequeno quarto onde havia passado suas últimas semanas. A janela ao lado da estreita cama que dá vista ao mar, a mesinha onde ele apoiava seus utensílios. Agora, ele silenciosamente se despia daquele ambiente pouco aconchegante ao pegar sua bolsa e se virando para voltar à proa.

Ao subir as escadas do convés, Kazuki se deparou com a tripulação em movimento, preparando-se para o desembarque. Marinheiros corriam de um lado para o outro, organizando mercadorias, amarrando cordas e empilhando caixas com precisão. Passando entre os encarregados, Kazuki se aproximou do beque, onde a vista da cidade costeira se tornava cada vez mais nítida.

“É uma belíssima cidade. Nunca tinha visto nada parecido com uma cidade que flutua sob as águas do mar. Aqualúmen possui uma arquitetura e cultura muito diferente de Avalon. Estou ansioso pelo o que está por vir. Sei que a partir daqui, minha vida mudará para sempre...”

Quando o navio se aproximou do cais, as âncoras foram lançadas com um estrondo grave que ecoou pelas águas. Kazuki respirou fundo, sentindo a brisa salgada bater contra seu rosto enquanto se preparava para desembarcar. As próximas semanas seriam decisivas — não apenas em seu treinamento, mas também em sua jornada.

E então ele desceu do navio, após semanas de viagem. Por um momento estranhou a sensação de terra firme, depois de se acostumar com o balanço do navio. Ao caminhar pelo porto, foi imediatamente impactado pela atmosfera única da cidade. Nautilus era uma mescla impressionante de beleza natural e

engenharia arquitetônica. Canais largos e estreitos serpenteavam por toda a cidade, e Kazuki viu que os tritões nadavam graciosamente através deles.

As casas exibiam uma harmonia única entre natureza e técnica, construídas com pedras naturais extraídas do próprio mar. As paredes, sólidas e elegantes, mesclavam concreto resistente com uma estrutura reforçada por madeiras oriundas de árvores exóticas, cultivadas no solo submerso das ilhas de Aqualúmen.

Os telhados eram formados por tijolos polidos e reforçados com **Aqualite**, um metal raro e brilhante encontrado apenas nas profundezas do mar local. Seu brilho discreto refletia a luz com suavidade, conferindo às construções um ar encantado — como se respirassem junto às marés.

Alguns dos Tritões estavam montados em hipocampos, criaturas marinhas que pareciam se misturar harmoniosamente com o ambiente. As construções, feitas de materiais semelhantes a corais e conchas, brilhavam sob a luz do sol, proporcionando um contraste hipnotizante com a água azulada. Ele sentiu a diferença marcante em relação a Avalon assim que pisou na cidade.

As ruas, na verdade canais, estavam repletas de vida, e o som de água sendo movimentada pelas criaturas de transporte e pelos nadadores era constante. O ar estava impregnado com um aroma fresco do mar, misturado com o cheiro de alimentos marinhos que emanava de vários locais de venda ao longo dos canais.

A atmosfera, embora vibrante e cheia de vida, fazia Kazuki se sentir um tanto deslocado. A falta de humanos na cidade era evidente, e ele rapidamente percebeu que estava atraindo olhares curiosos de todos ao seu redor. Não demorou muito para ele perceber que diversos tritões estavam o encarando.

“Por que eles estão me olhando tanto? Sei que sou um humano na terra deles, mas pensei que aqui fosse uma cidade costeira acostumada a receber comerciantes e marinheiros vindos de outra nação. Se bem que... é mesmo... Aqualúmen fechou seus portos com o agravamento da guerra. E hoje, apenas embarcações essenciais podem adentrar a nação.”

Kazuki continuou andando pela cidade, tentando ignorar os olhares atentos sobre ele e se concentrar em se familiarizar com a cidade. Mas logo ficou claro que sua aparência estava gerando uma mistura de curiosidade e surpresa. Conversas aconteciam entre os tritões enquanto ele passava, e ele sentia os olhos sobre ele com uma intensidade crescente. Embora não entendesse todos os detalhes das conversas, o tom e o ritmo deixavam claro que ele era o centro das atenções.

Determinando que precisava se adaptar rapidamente e sentindo seu estômago vazio, Kazuki decidiu procurar algo para comer. No entanto, isso rapidamente se tornou um desafio próprio. Ao chegar em um

pequeno restaurante, olhando o cardápio ele descobriu que a moeda usada em Aqualúmen era muito diferente da que ele estava acostumado.

Os Lumins, como eram chamados, eram moedas brilhantes com um símbolo distinto de '£', Kazuki teve que se familiarizar com a nova moeda, e a transição foi um pouco confusa, pois ele ainda estava habituado ao Aurin, que utilizava em Avalon.

"É mesmo, eu havia me esquecido de me planejar financeiramente para a viagem. Cada nação usa sua moeda única, e agora eu preciso ir em algum banco para convertê-las. Ai que droga, o que eu faço agora?!"

Foi quando uma voz chamou sua atenção.

— Precisa de ajuda forasteiro? — disse um jovem tritão, com a mochila nas costas e um sorriso aparentemente curioso.



O tritão se aproximou, observando Kazuki de ponta a ponta como se estivesse estudando algo que nunca vira antes. Percebendo seu olhar prolongado, Kazuki logo se recuou um passo por instinto. Seus olhos se encontraram com os dele.

— Quem é você? — perguntou Kazuki.

O tritão então ergueu a cabeça e colocou uma mão no peito antes de responder:

— Eu sou Mizuya, um entregador! E vejo que você é um humano, não é mesmo amigo? — perguntou Mizuya, com um tom animado.

Kazuki então, confuso com tamanha empolgação, respondeu:

— Eh, sim... Eu sou Kazuki, um humano...

Mizuya deu uma risada, ainda mais empolgado.

— Que legal! E o que um humano faz aqui em Aqualúmen? Além disso, como você conseguiu chegar até aqui?

— Bem... eu vim para cá com uma recomendação de treinar com o mestre Marin.

Os olhos de Mizuya brilharam.

— Ohhh, que incrível Kazuki! O mestre é um guerreiro muito habilidoso! Ele é o espadachim mais forte de toda Aqualúmen! Você é muito sortudo por ter sido aceito como discípulo dele!

Kazuki se surpreende com a grandeza do tão famoso mestre do Mar.

— Sério? Ele é mesmo tudo isso? — perguntou impressionado.

— É claro que é! — respondeu Mizuya com convicção. — Marin é nosso protetor! Enquanto ele estiver aqui, nada de ruim acontecerá em Aqualúmen.

Kazuki levou um tempo para responder, como se estivesse absorvendo as informações de seu futuro mestre, abrindo um pequeno sorriso de canto.

— Bom, eu devo ser sortudo então...

— Sim, com certeza! — respondeu Mizuya, antes de desviar o olhar para as mãos de Kazuki. — Mas bem, estou vendo que está com problemas aqui né.

Kazuki acompanhou o olhar e viu os Aurins ainda em suas mãos.

— Sim... Eu havia esquecido de convertê-las antes de embarcar para Aqualúmen... — ele coloca uma mão na cabeça um pouco desconcertado com a situação em que se meteu.

Mizuya inclinou a cabeça, pensativo, depois sorriu de novo.

— Eu pago a refeição para você! Em troca de me dar essas moedas!

— Hã? Por que você ia querer moedas que nem valem aqui? — ele piscou, confuso.

Mizuya, mantendo o sorriso, respondeu:

— Eu sei que elas não têm valor aqui — disse Mizuya, rindo baixinho — mas eu nunca vi uma moeda de fora antes. Quero colecionar! Imagina só que relíquia curiosa!

Kazuki hesitou por um momento, depois estendeu as moedas com um sorriso leve.

— Sendo assim... tudo bem.

Com um sorriso, Mizuya pegou os Aurins das mãos de Kazuki, admirando as moedas com curiosidade antes de guardá-las em uma pequena bolsa que carregava. Ele então sinalizou para o dono da loja, fazendo o pedido para os dois.

Kazuki, ainda pensativo, ergueu os olhos para o tritão.

— Sabe, fiquei curioso... seu nome, Mizuya. É bem diferente dos nomes que conheço na minha terra. O que ele significa?

Mizuya abriu um largo sorriso, surpreso com o interesse do humano. Seus olhos brilharam de satisfação.

— Significa “ser do mar”. — respondeu com orgulho, o tom cheio de vida. — Combina perfeitamente comigo, não acha? Afinal, somos filhos do oceano.

Kazuki assentiu, sincero.

— É um nome interessante... e especial. Parece único.

O tritão soltou uma risada breve, ainda mantendo o sorriso.

— Único? Nem tanto. — balançou a cabeça de leve. — Aqui em Aqualúmen, é tradição entre nós dar nomes relacionados ao mar. É algo que carregamos há gerações. Então, nomes como o meu são até bem comuns.

Kazuki piscou, assimilando a explicação.

— Entendi... então o que é comum para vocês, para mim soa diferente. E o que é comum para mim, provavelmente seria estranho aqui. — comentou, refletindo em voz baixa.

Mizuya o observou por um instante, curioso, antes de se inclinar um pouco sobre a mesa.

— E quanto ao seu nome, Kazuki? Esse sim parece realmente único. O que significa?

Kazuki parou por um momento, e um leve sorriso suave surgiu em seus lábios.

— É... meu nome é um pouco raro na minha terra. Quem me deu foi minha mãe. Significa “esperança”. Ela disse que eu fui quem deu esperança a ela, e por isso escolheu esse nome para mim.

Os olhos de Mizuya se arregalaram de leve, claramente impressionados.

— Esperança... isso é profundo. — murmurou, intrigado. — Carregar algo assim no nome deve ser uma responsabilidade e tanto. Gostei, Kazuki. É forte.

Kazuki apenas assentiu, um pouco sem graça com o elogio.

Os dois se sentaram em uma pequena mesa próxima ao canal, onde a água ondulava suavemente ao lado deles, criando uma atmosfera tranquila e relaxante. Kazuki provou o ensopado, sentindo a mistura de sabores do mar, que era ao mesmo tempo reconfortante e exótico. Ele percebeu que, apesar das diferenças culturais e de espécie, a hospitalidade de Mizuya o fazia sentir-se um pouco menos deslocado.

— Então, Kazuki, você vai para a capital, certo? Vai em busca do Mestre Marin? — Mizuya perguntou enquanto levava uma colher de sopa até a boca.

— Sim, exatamente. Eu preciso encontrá-lo para começar meu treinamento. — respondeu Kazuki enquanto terminava de comer.

E então, Mizuya abriu um sorriso novamente.

— Que coincidência! Eu vou para a capital também, tenho uma entrega para fazer lá. Se quiser, posso te dar uma carona.

Kazuki deixou transparecer sua empolgação antes de responder.

— Sério? Isso seria ótimo! Eu ainda estou me adaptando a tudo por aqui, então seria bom ter alguém para me guiar.

Mizuya sorriu, satisfeito com a ideia. Ele terminou sua refeição rapidamente, ansioso para mostrar a Kazuki o caminho até a capital. Logo em seguida ele se levantou rapidamente e se dirigiu ao balcão para pagar a conta, atraindo o olhar de Kazuki. Com a conta paga, ele voltou até Kazuki com empolgação.

— Vamos lá! — disse Mizuya com animação.

— Eh? Agora?! — indagou Kazuki, surpreso com a pressa do tritão.

Mizuya então sorriu ainda mais para responder.

— É claro! Quanto antes chegarmos, melhor! E também, é sempre bom adiantar minhas entregas e surpreender os clientes com a antecipação!

Kazuki então, meio desconcertado com a empolgação excessiva do jovem tritão, acabou cedendo à pressa e o acompanhando. Por mais que achasse que sua animação era demais, Kazuki não podia negar que concordava com ele sobre as vantagens de chegar à capital o quanto antes. Mizuya conduziu Kazuki até a beira de um dos canais maiores. Lá, amarrado a um pequeno cais, estava um hipocampo majestoso, suas escamas cintilando à luz do sol.

— Este é Atlan, meu parceiro de entregas. Ele pode nos levar até a capital em um instante. — disse ele, olhando para a criatura marinha. — Suba Kazuki, a viagem será rápida.

Kazuki observou o hipocampo com admiração, hesitando por um momento antes de subir nas costas da criatura. Atlan era grande e forte, com uma expressão inteligente em seus olhos. Mizuya subiu atrás dele, segurando as rédeas com confiança.

— Isso é seguro para mim? — questionou Kazuki, temendo o que poderia acontecer caso ele caísse do animal em alto mar.

Mizuya então virou a cabeça, olhando para Kazuki com uma confiança exagerada — levando em conta sua quase nenhuma experiência com passageiros no seu Hipocampo.

— É claro que é seguro! Por acaso está com medo de cair e se afogar? — respondeu Mizuya, segurando um riso que ameaçava escapar de sua garganta.

Kazuki então franziu o cenho, levemente incomodado com a quase provocação de Mizuya.

— É que sabe, eu não sei se você percebeu, mas como um humano eu não tenho as mesmas capacidades de nadar em alto mar igual um tritão. E também, você não parece o tipo de entregador que já deu carona para alguém.

Mizuya então não se conteve e deixou escapar a risada, achando engraçado a preocupação genuína de Kazuki.

— Está tudo bem Kazuki, eu não vou deixar você cair. Eu juro que vai ser uma viagem segura e sem riscos. Posso não ter o costume de dar carona a outros tritões, mas pode ter certeza que eu cumpro com minhas promessas! — disse ele com convicção.

Kazuki cogitou por um momento, mas logo em seguida acabou cedendo não só por não ter outras escolhas, mas também por confiar em Mizuya — mesmo que não fosse muito. Com um suspiro, ele montou no Hipocampo atrás de Mizuya...

— Segure-se firme! Vamos partir!

Com um comando suave de Mizuya, Atlan mergulhou graciosamente nas águas do canal, acelerando com velocidade impressionante. As construções de Nautilus desfilaram ao lado deles, e Kazuki sentiu a brisa fresca do mar em seu rosto. A viagem até a capital estava apenas começando, e Kazuki não podia deixar de sentir uma excitação crescente pelo que estava por vir.

Capítulo 2 - Aquaris

Após dias navegando pelo vasto oceano, Kazuki finalmente avistou o suposto destino. Uma pequena ilha artificial surgiu no horizonte, destacando-se contra o azul profundo do mar. A ilha parecia uma joia solitária no meio do oceano, com uma estrutura simples, porém imponente, erguendo-se sobre a água.

Mizuya, montado em seu hipocampo, guiou Kazuki com destreza em direção à ilha. O hipocampo — uma criatura marinha de escamas reluzentes e cauda em forma de leque — movia-se com uma leveza quase mágica. Seu nado era sereno, mas poderoso, cortando as ondas como uma flecha prateada. O som do mar quebrando contra seu corpo se misturava ao sopro do vento salgado, formando uma melodia natural que embalava os pensamentos de Kazuki.

À medida que se aproximavam, os detalhes da ilha tornavam-se mais visíveis. Ela era revestida com pedras ancestrais de coloração esverdeada, cobertas por musgos marinhos que dançavam com a brisa úmida. Seu design era harmônico, como se tivesse emergido naturalmente das profundezas. Escadarias entalhadas em conchas gigantes levavam até uma plataforma central, onde torres de observação feitas com madeira de algas trançadas e Aqualite — um raro metal cristalino do fundo do mar — brilhavam suavemente sob a luz do entardecer.

Quando chegaram à beira da ilha, Mizuya ajustou as rédeas do hipocampo e fez um gesto para Kazuki descer abaixo das águas. Eles estavam agora na parte rasa do mar ao redor da ilha, e o hipocampo se afastou lentamente enquanto Mizuya ajudava Kazuki a desembarcar. Kazuki pisou na pequena ilha com um misto de curiosidade e ansiedade.

— Para onde ele vai? — perguntou Kazuki, enquanto seguia Mizuya. Curioso sobre o destino do cavalo marinho.

Mizuya então se virou para olhar para Kazuki antes de responder:

— Ele vai para o estábulo submerso que fica próximo daqui. Ele vai me esperar até eu voltar — disse ele sorrindo.

— Entendi — assentiu Kazuki.

À frente deles, se localizava uma estrutura chamativa: uma espécie de templo circular, com imponentes torres de vigia ao redor. Era uma pequena edificação que se destacava, não por seu tamanho, mas pela aura de importância e misticismo que emanava.

O pequeno templo, construído com pedras polidas e adornado com runas brilhantes, parecia um santuário de um passado distante. A construção estava alinhada com a água, como se tivesse sido erguida

diretamente do oceano, e as runas brilhavam suavemente sob a luz do sol, criando um contraste deslumbrante com o fundo azul do mar.

— O que é isso? — perguntou Kazuki enquanto observava o templo com curiosidade.

— Logo você verá — respondeu Mizuya, com um tom de mistério e suspense no seu jeito de dizer. E claro, mantendo o sorriso divertido no rosto.

Mizuya conduziu Kazuki até a entrada do santuário, um portão de pedra que parecia estar sempre aberto para receber aqueles que vinham em busca da capital subaquática. Kazuki, ainda impressionado com a beleza e o mistério da pequena ilha, seguiu Mizuya com um sentimento crescente de antecipação. O santuário era claramente o ponto de acesso para algo grandioso que estava além da superfície.

À medida que Kazuki e Mizuya se posicionavam na plataforma circular, Kazuki notou uma série de runas que brilhavam suavemente ao longo da borda. Mizuya se dirigiu a um painel de controle que parecia ser uma combinação de cristal e metal e, com um leve pressionar no cristal azul maior, todo o templo se iluminou. Era como se estivesse pulsando com vida pela magia dos cristais.

— Este elevador de água é um mecanismo mágico avançado. As runas que você vê aqui são responsáveis por controlar o fluxo da água e a pressão durante a descida. — explicou Mizuya, com igual admiração pela tecnologia de sua terra.

Kazuki observou com interesse enquanto Mizuya tocava o cristal, parecendo como se estivesse transferindo um pouco de Soulmana para tudo ali funcionar. Correntes de luz começaram a fluir das runas e se espalharam pela água ao redor da plataforma. As paredes da estrutura pareciam se ajustar, permitindo que a água entrasse gradualmente sem causar turbulência.

— A água é mantida em uma corrente controlada, o que cria uma coluna estável que nos permite descer suavemente até Aquaris. A pressão é ajustada automaticamente para garantir que o ambiente interno da cidade permaneça estável e respirável. — continuou Mizuya.

Kazuki ouviu atentamente enquanto observava todos os detalhes à sua volta, admirado.

— É incrível... Todas as cidades são assim? — perguntou Kazuki, com a água começando a se encher abaixo deles.

— Não, apenas as maiores. Precisamos ser receptivos com as outras raças que vinham visitar Aqualúmen. — explicou Mizuya com calma. — Porém, a maioria de nossas cidades são totalmente submersas, o que torna Aqualúmen um ambiente de grande desafio para o ataque dos demônios. Por isso nos mantivemos impunes até hoje. — continuou, aproveitando para contar um pouco mais de sua nação.

Kazuki desviou o olhar para baixo, pensativo ao mesmo tempo que estava preocupado com algo futuro que ele nem conseguia identificar.

— Entendo. Vocês são muito sortudos de viver em uma terra assim.

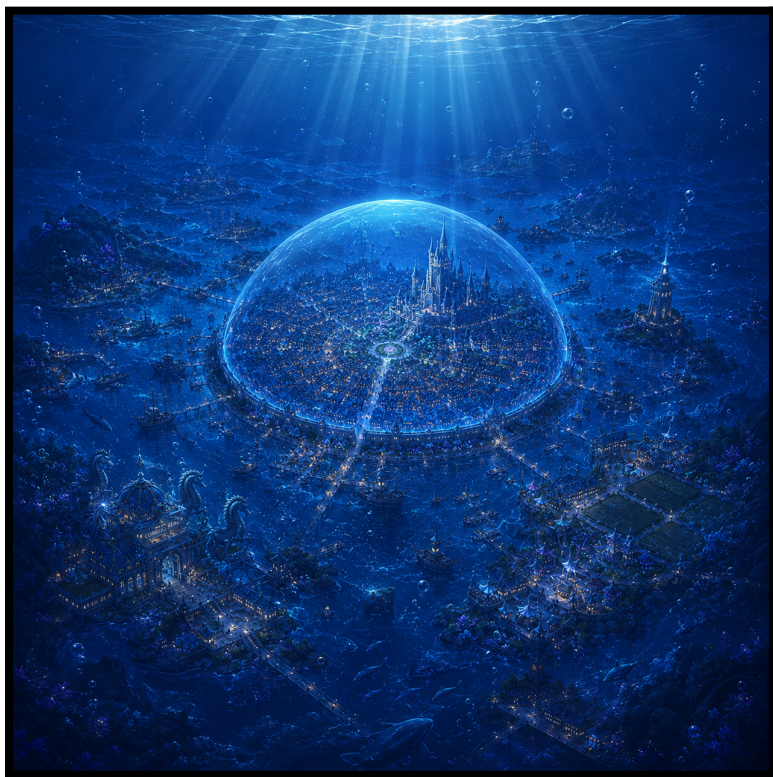
Mizuya ouviu, mas permaneceu em silêncio; como se estivesse relembrando depois de muito tempo os benefícios de sua terra e dos privilégios que tinha.

Até que a plataforma começou a se mover lentamente para baixo, mergulhando na coluna de água luminosa. A sensação de descida era suave, e Kazuki notou que a água ao redor parecia brilhar com um tom etéreo, quase como se a própria água estivesse imbuída de energia mágica.

— A água ao nosso redor é filtrada e enriquecida com oxigênio, o que ajuda a manter a atmosfera da cidade sem alterações. A barreira mágica que envolve Aquaris impede que a água externa entre na cidade e também mantém a pressão interna estável. — disse Mizuya, com um sorriso no rosto.

Foi então que Kazuki viu: toda a extensão do fundo do mar diante de seus olhos. A visão era hipnotizante, a paisagem marinha com vários peixes e criaturas marinhas vagando de um lado para o outro, passando em sua frente. Ele observava cada detalhe com graça e admiração, cada alga, cada pedra marinha adornada com pérolas, tudo era magnífico.

Mas o que chamava mais atenção não era isso, e sim o que estava abaixo, lá no fundo. Uma grande cidade, submersa, protegida sob uma enorme cúpula de Soulmana, uma barreira mágica que mantinha todo o mar acima da cidade. Dentro da barreira se encontrava uma metrópole, tão grande que de longe era impossível saber seu real tamanho; e ao redor da barreira em mar aberto, habitava diversas casas naturais do mar, onde era possível ver peixes e tritões nadando em harmonia.



— O elevador foi projetado para garantir uma transição suave entre a superfície e as profundezas — detalhou Mizuya, com um tom técnico. — Ao chegarmos ao fundo, você notará que a água se torna menos densa e a pressão se ajusta para o nível da cidade.

Kazuki ouviu curioso a explicação de Mizuya, novamente. Observando seu nível de conhecimento.

— Você sabe bastante coisa para ser apenas um entregador, hein. Como aprendeu tudo isso? — perguntou ele, interessado em saber mais sobre o tritão.

Mizuya então, abriu um largo sorriso e logo respondeu:

— Ei, não seja mal educado, Kazuki. Mesmo trabalhando como entregador, eu tive uma ótima formação nas escolas. Além disso, nossa cultura e engenhosidade é passada de geração de geração através de contos, assim como eu estou fazendo agora contigo. — explicou Mizuya. — E também, eu não sou um entregador de baixa renda; só o fato de eu ter meu próprio hipocampo já me coloca à frente de muitos outros — acrescentou, lançando um leve olhar discreto de desaprovação para Kazuki.

Kazuki então levou a mão à cabeça, levemente desconcertado.

— Desculpe, não foi minha intenção — disse ele, embora mantivesse um raso sorriso no rosto.

Mizuya manteve sua expressão de desaprovação por mais alguns segundos, mas logo suavizou.

— Hum, okay então — assentiu.

A plataforma continuou sua descida, e Kazuki sentiu a mudança gradual na pressão enquanto se aproximavam do fundo do oceano. O ambiente ao redor parecia se transformar conforme passavam por camadas de água iluminada, e a expectativa de chegar a Aquaris crescia a cada momento.

— Afinal, o que é essa entrega que você veio até aqui para entregar? — perguntou Kazuki, curioso.

Mizuya então, com um sorriso de canto e novamente fazendo um pouco de mistério, respondeu:

— Eu não sei, é confidencial. Como entregadores, nossa principal regra é manter a privacidade sob as encomendas dos clientes. Não podemos olhar e nem somos privilegiados a saber o que são. — disse ele, mantendo uma expressão orgulhosa.

Kazuki notando a expressão de Mizuya, ergueu uma sobrancelha confuso e curioso pela expressão orgulhosa dele.

— Você deve gostar mesmo do seu trabalho, né? — perguntou ele, de forma quase retórica.

— Com certeza! — respondeu Mizuya imediatamente, com empolgação e entusiasmo.

Kazuki se surpreendeu com o quão rápida foi a resposta de Mizuya, e com tanta confiança e orgulho. Os segundos silenciosos que se seguirão, serviu para ajudar Kazuki a refletir sobre as ideologias do tritão. Mas antes que pudesse dizer algo, foi interrompido.

— Estamos quase lá, prepare-se para uma visão incrível — anunciou Mizuya.

Kazuki observou ansiosamente enquanto a plataforma se aproximava do nível da cidade submersa, imaginando o que o aguardava em Aquaris.

Quando a plataforma finalmente chegou ao fundo do oceano, Kazuki viu-se diante da enorme cúpula transparente que cercava a capita. O ambiente ao redor era surreal, com a barreira mágica mantendo a água do oceano afastada e o brilho das plantas aquáticas iluminando a cidade em tons de azul e verde. As estruturas de Aquaris eram majestosas, feitas de materiais que refletiam a luz de maneira única, dando à cidade uma aparência etérea e sobrenatural.

Mizuya deu um passo à frente, chamando a atenção de Kazuki.

— Chegamos, Kazuki. Bem-vindo a Aquaris! A capital de Aqualúmen. Infelizmente, este é o ponto onde nos separamos. Tenho a entrega a fazer, mas posso te orientar até o palácio real — disse Mizuya, com uma leve tristeza na voz.

Kazuki observava a grandiosidade da cidade com admiração, mas logo voltou sua atenção para Mizuya ao ouvir suas palavras.

— Ah, entendo. Agradeço por toda a ajuda, Mizuya, de verdade mesmo. Agora, onde fica o palácio real? — perguntou ele.

Mizuya apontou para uma estrutura imponente ao longe, no centro da cidade, cercada por jardins aquáticos e protegida por guardas tritões.

— Está vendo aquele grande edifício? É o palácio real. O Mestre Marin estará lá. Siga as ruas principais e você não vai errar. E mais uma coisa, Kazuki... seja cuidadoso. A presença de um humano em Aquaris pode chamar ainda mais atenção, então tente não se destacar tanto.

Kazuki assentiu, absorvendo as instruções; embora já imaginasse isso.

— Obrigado, Mizuya. Vou me lembrar disso — agradeceu ele enquanto inclinava levemente o corpo em reverência.

Mizuya sorriu, dando um leve aceno de despedida.

— Boa sorte, Kazuki. Espero que seu treinamento com o Mestre Marin seja um sucesso. Quem sabe nos vemos novamente por aí. — se despediu, mantendo seu sorriso de sempre. Quase como sua assinatura.

Com essas palavras, Mizuya se afastou rapidamente, montando novamente no hipocampo e partindo em direção a uma das áreas da cidade. Kazuki ficou parado por um momento, observando a movimentação ao seu redor, sentindo-se um pouco mais solitário, mas também determinado a encontrar o Mestre Marin e começar sua nova jornada. Com uma respiração profunda, ele começou a caminhar pelas ruas da cidade em direção ao palácio real, pronto para enfrentar os desafios que Aquaris tinha a oferecer.

Kazuki caminhava lentamente pelas ruas da imensa capital de Aquaris, sentindo-se mais perdido a cada passo. A cidade, com sua grandiosidade subaquática, era um labirinto de vias sinuosas, pontes arqueadas e prédios que se elevavam majestosos em direção à superfície distante. As águas acima deles eram contidas pela barreira mágica, e o brilho suave que permeava a cidade dava a tudo uma atmosfera etérea. Kazuki, no entanto, estava menos preocupado com a beleza ao seu redor e mais com a sensação crescente de que estava completamente desorientado.

"Mas para onde será que é o palácio?" ele se perguntava, olhando ao redor para tentar encontrar algum sinal ou referência que o guiasse. Mizuya havia dado algumas direções, mas a grandiosidade e complexidade da cidade estavam além de qualquer coisa que Kazuki já tivesse experienciado. As instruções de Mizuya soavam simples na hora, mas agora, com o movimento constante de Tritões e a arquitetura monumental ao seu redor, ele não conseguia se orientar.

Enquanto continuava a caminhar, Kazuki começou a perceber que estava chamando a atenção dos Tritões ao redor. Talvez fosse sua aparência humana, ou o fato de que ele claramente estava fora de seu elemento, mas olhares curiosos o seguiam por onde ele passava. Alguns Tritões sussurravam entre si, apontando discretamente para o jovem guerreiro, enquanto outros apenas o observavam com curiosidade. Kazuki tentou ignorar os olhares, mas não podia deixar de sentir-se um pouco desconfortável.

"Ele havia dito que era só seguir a estrada principal, mas seguindo por aqui tudo o que vejo no fim da via é aquela praça com árvore gigante..." pensava ele enquanto caminhava, seus olhos involuntariamente fixos na grandiosa árvore, admirando sua beleza e imponência; embora ainda se incomodasse com os olhares sobre ele. "Eles não param de me olhar, acho que vou acelerar meu passo..." A cada passo, sentia-se menor diante daquela presença viva, como se estivesse diante de algo mais do que apenas natureza — havia nela um ar de eternidade.



A praça se abria ampla à sua frente, pavimentada com pedras lisas que refletiam a iluminação aquática. Diversas passagens convergiam para aquele ponto, como se a árvore fosse o coração pulsante da cidade. Ao redor dela, flores de diversas cores brilhavam suavemente, iluminando a praça e contrastando com as lanternas das casas ao redor. O ambiente era vivo, mas também carregava uma estranha solenidade, como se fosse um lugar sagrado e público ao mesmo tempo.

Kazuki parou por um instante, respirando fundo. Apesar do encantamento, uma estranha sensação de vazio o percorreu. Não havia Mizuya para guiá-lo, nem qualquer rosto conhecido para apoiá-lo. A solidão lhe pesava mais intensamente agora, em meio a uma multidão que o observava com curiosidade ou desconfiança.

Ele se aproximou ainda mais da árvore, deixando-se perder nos detalhes da sua aura. Alguns tritões que estavam próximos se afastaram discretamente, como se não quisessem compartilhar aquele espaço com o forasteiro humano. Kazuki notou o gesto, mas não reagiu. Apenas ergueu o olhar para o topo da árvore e se deixou envolver pelo espetáculo silencioso das folhas cintilantes balançando sob correntes invisíveis.

Foi nesse instante que notou um movimento diferente, quase despercebido. Entre as pessoas que cruzavam a praça, uma figura destoava. Era uma garota tritã, jovem, de porte gracioso, que caminhava apressada como se buscasse alguém. Seu olhar vasculhava a multidão de um lado para o outro, carregado de expectativa, mas também de ansiedade.

Kazuki não conseguiu deixar de observá-la. O modo como ela se movia parecia diferente dos demais — não apenas pela pressa, mas pela aura que emanava. Seus cabelos, longos e ondulados, lembravam correntes de algas iluminadas pela luz da superfície, oscilando suavemente na água. Suas escamas tinham um tom perolado, refletindo nuances azuladas e rosadas conforme ela passava pelas luzes da praça. O vestido marinho que usava era simples, mas a forma como se ajustava ao corpo transmitia leveza, quase como se tivesse sido feito da própria água.

Kazuki estreitou os olhos. A garota parecia alheia a ele, vasculhando a multidão com ansiedade contida, como quem buscava alguém ou temia estar sendo observada. Havia nela uma mistura de delicadeza e determinação que o prendia sem que soubesse explicar. Instintivamente deu alguns passos, mas conteve-se, lembrando-se do aviso de Mizuya — não se destaque tanto.

Mesmo assim, não conseguiu desviar o olhar. Ela se aproximou da árvore central, apoiando a mão em seu tronco cintilante, como se buscasse forças. Por um instante, Kazuki sentiu que testemunhava o início de algo maior, mas permaneceu imóvel, observando.

A garota respirou fundo e voltou a andar, decidida a continuar sua busca. Kazuki a seguiu apenas com os olhos, certo de que aquele encontro não era coincidência.

Capítulo 3 - Irmãs Oceandrit

Kazuki guiado pela curiosidade, começou a caminhar em direção à garota enquanto a observava com atenção. Seus passos calmos, mas ainda com um pouco de pressa para acompanhar o ritmo da jovem tritã, que caminhava com ansiedade enquanto continuava sua procura por alguém entre os tritões na rua; seu rosto saltava de um lado a outro entre os tritões, parecendo estar analisando rapidamente cada um.



Kazuki se aproximou um pouco mais, até que a voz da tritã rompeu o burburinho da praça.

— Alysea! Alysea, onde você está?! — gritou ela, a voz carregada de desespero.

Os tritões ao redor voltaram-se para ela, alguns com expressão de compaixão, outros apenas incomodados com a súbita agitação. Para Kazuki, no entanto, aquele clamor foi como um chamado inevitável. Ele acelerou o passo, determinado a falar com a jovem antes que desaparecesse no fluxo da multidão.

— Ei, você está procurando por alguém? — perguntou, erguendo a voz o suficiente para que fosse ouvida. — Talvez eu possa ajudar.

A garota parou bruscamente e virou-se na direção dele. Por um instante, seus olhos se arregalaram em puro espanto.

— Um... humano! — exclamou, recuando instintivamente alguns passos. Murmúrios se espalharam ao redor, e Kazuki sentiu dezenas de olhares ainda mais fixos sobre si.

Ele ergueu as mãos num gesto tranquilizador.

— Ei, não precisa se assustar. Eu não quero causar problemas. Só percebi que você parecia estar perdida... e pensei que talvez pudesse ajudar.

A jovem hesitou, respirando fundo. O medo em seu olhar suavizou-se pouco a pouco, embora ainda restasse uma tensão evidente em sua postura.

— Eu... não estou perdida. Estou procurando minha irmã, Alysea. Ela deveria ter me encontrado aqui, mas já faz tempo que não aparece. — Sua voz tremeu levemente, apesar da tentativa de soar firme.

Kazuki inclinou a cabeça, atento.

— Entendo. E como ela é? Talvez eu possa ajudar à procurá-la.

A tritã o observou com cautela, como se ainda ponderasse se deveria confiar naquele estranho. Os murmúrios em volta continuavam, mas ela parecia alheia a eles agora, dividida entre a urgência de encontrar a irmã e a estranheza de estar diante de um humano. Finalmente, respondeu:

— Ela se parece comigo... mas é mais velha. Tem cabelos azuis curtos, e tem um pouco de escamas do lado do pescoço.

Kazuki assentiu devagar, gravando a descrição em sua mente.

— Certo. Se ela estiver por perto, vamos encontrá-la. — Forçou um leve sorriso para transmitir confiança. — Qual o seu nome?

A jovem hesitou mais uma vez antes de responder:

— Lyra. Lyra Oceandrit

O sobrenome soou estranho e ao mesmo tempo significativo para Kazuki, era familiar. Ele não sabia por quê, mas parecia carregar um peso que ia além de uma simples apresentação.

— Eu sou Kazuki — disse, firme, estendendo a mão de forma respeitosa. — Prometo que vou ajudá-la a encontrar sua irmã.

Por um instante, Lyra apenas o encarou, como se lutasse contra a própria desconfiança. Então, finalmente, aceitou o gesto. O toque foi breve, mas suficiente para selar um entendimento silencioso entre eles.

Kazuki sentiu o mesmo arrepio que tivera ao observá-la junto à árvore — a estranha certeza de que aquele encontro não era coincidência.

— Está bem... Vamos procurar por ela juntos — disse Lyra, ainda hesitante, mas com uma firmeza que revelava sua determinação.

Kazuki assentiu, aliviado pelo começo de confiança entre eles. Juntos, começaram a percorrer a praça, chamando pelo nome da garota desaparecida. A cada vez que Lyra erguia a voz, sua ansiedade era evidente, mas o simples fato de Kazuki acompanhá-la parecia suavizar parte daquele peso. Ele, por sua vez, fazia questão de manter o tom sereno e prestativo, esperando que a cooperação fosse suficiente para quebrar a barreira da desconfiança que ainda pairava entre eles.

“Se ao menos eu soubesse para onde ir...” pensou Kazuki, lançando um rápido olhar em volta. O palácio real permanecia um enigma escondido entre tantas cúpulas e torres. Talvez aquela aliança inesperada fosse a chave — mas por ora, sua prioridade era a irmã de Lyra.

— Você se lembra onde a viu pela última vez? — perguntou, tentando soar o mais gentil possível.

Lyra balançou a cabeça, os olhos azulados refletindo a luz suave das lâmpadas de concha espalhadas pela praça.

— Eu... não me lembro direito. Estávamos no mercado comprando algumas frutas, quando nos separamos para ver diferentes barracas; mas ela demorou para voltar e eu fui procurar por ela e... acho que nos desencontramos.

Kazuki forçou um sorriso reconfortante.

— Não se preocupe. Vamos encontrá-la.

Eles seguiram juntos pelas vielas sinuosas de Aquaris. A capital parecia se reinventar a cada esquina — ruas largas se transformavam em passagens estreitas, todas repletas de tritões imersos em suas rotinas. Apesar da agitação, os olhares curiosos ainda recaíam sobre o humano, sussurros correndo como correntes invisíveis entre a multidão. Kazuki ignorou o incômodo, mantendo o foco em Lyra.

— Você está chamando bastante atenção por aqui... não se sente envergonhado? Ou talvez deslocado? — comentou ela em tom curioso, lançando um olhar de relance.

Kazuki percebeu o gesto e, por um instante, seus olhares se cruzaram. Apesar do semblante cansado, ele sorriu de forma espontânea para a jovem.

— Eu... sim, me sinto um pouco deslocado. Estou em uma terra completamente diferente da minha, com um povo e uma cultura que não conheço. — Falou com franqueza. — Mas, sabe... vim aqui com um objetivo. E não vou embora até alcançá-lo.

Os olhos de Lyra brilharam brevemente, fascinados pela convicção que transparecia em suas palavras. Com mais curiosidade, ela perguntou:

— E qual é esse objetivo, Kazuki?

Ele sorriu, a voz carregada de uma chama juvenil.

— Eu quero me tornar mais forte. Muito, muito mais forte.

O brilho nos olhos dela apagou de imediato, substituído por uma expressão entediada, como se tivesse ouvido aquelas palavras vezes demais.

— Hm... você é só mais um.

As palavras cortaram Kazuki mais fundo do que qualquer golpe já sofrido. Sua empolgação vacilou como uma chama sob a água.

— C-como assim?! Eu estou falando sério! — replicou com um tom quase desesperado, tentando provar sua determinação.

Lyra franziu levemente os olhos, ainda cética.

— Todo garoto aqui diz a mesma coisa. ‘Vou me tornar mais forte’, ‘serei o melhor guerreiro’... no fim, não passam de promessas vazias.

Kazuki ficou em silêncio. Sua cabeça inclinou-se por um instante, absorvendo o peso das palavras dela. Então, quase instintivamente, olhou para a pulseira dourada em seu braço — fina, delicada, que ele havia guardado de Elena, sua última lembrança dela. O toque frio do metal reacendeu nele uma chama mais profunda.

— Eu entendo por que você duvida — disse, erguendo lentamente o rosto. Seu olhar agora era sério, distante, carregado de firmeza. — Mas eu não sou como os outros. Eu vou me tornar mais forte, custe o que custar. Por mim... e por todos que acreditaram em mim.

Lyra não respondeu de imediato. Seu ceticismo ainda estava presente, mas havia algo novo em seus olhos, uma fagulha incerta entre dúvida e respeito. Ela desviou o olhar, focando-se no caminho à frente.

— Tudo bem. Entendi sua motivação.

A voz saiu contida, quase fria, mas revelava que as palavras dele haviam tocado algo nela.

— Agora chegamos. Adiante está o centro comercial de Aqualúmen. — continuou, mostrando a Kazuki o caminho.

O caminho se abriu diante deles, revelando um mercado vibrante e pulsante. Barracas se alinhavam lado a lado, algumas presas ao solo de corais, outras suspensas em plataformas flutuantes que balançavam suavemente com a corrente. Frutas marinhas em tons azulados brilhavam sob a luz filtrada do oceano, exalando aromas doces que se misturavam ao cheiro forte de peixes frescos. Temperos e especiarias soltavam fragrâncias intensas, competindo com o ar salgado que parecia envolver todo o ambiente.

Jóias incrustadas de pérolas, corais cintilantes e conchas polidas decoravam os estandes mais sofisticados, enquanto tritões negociavam com entusiasmo, suas vozes misturadas ao som rítmico de conchas usadas como instrumentos. Era um caos organizado, onde cada detalhe vibrava com vida própria.

Kazuki observava tudo com uma mistura de fascínio e estranheza. Era como estar em outro mundo — e, de fato, estava. Mas, ao contrário das ruas menos movimentadas por onde haviam passado antes, ali sua presença humana parecia se perder no turbilhão. Alguns olhares ainda o seguiam, curiosos, mas logo se dispersavam, engolidos pelo movimento constante. Pela primeira vez, Kazuki não se sentia o centro da atenção.

Lyra, no entanto, parecia desconfortável. O tumulto a deixava inquieta, e ela instintivamente se aproximou de Kazuki, como se buscasse segurança em sua presença. Seus olhos varriam a multidão sem descanso, tensos, procurando qualquer sinal de Alysea.

— Nós estávamos por aqui quando nos separamos. — disse, a voz firme, mas baixa. — Fui ver uns acessórios para mim em uma das lojas, e quando percebi... ela já não estava mais comigo.

Kazuki caminhou devagar, tentando transmitir calma em cada gesto, como se seu próprio equilíbrio pudesse se refletir em Lyra.

— Então ela deve estar por perto, procurando por você também. — respondeu com convicção. — Vamos olhar com atenção. Em um lugar como esse, não dá para ir muito longe sem chamar atenção.

Ele ergueu o olhar para o mercado à frente, os corredores cheios de cores, sons e cheiros. Havia inúmeras distrações ao seu redor, mas concentrou-se em sua missão de achar Alysea. Assim como Lyra, seus olhos

varriam cada rosto, cada silhueta que surgia entre a multidão, tentando reconhecer a figura descrita por ela entre tantos tritões que se misturavam em movimento constante.

Kazuki continuava a caminhar pelos corredores do mercado, atento a cada detalhe, cada movimento entre os tritões. Seus olhos vasculhavam a multidão com paciência, buscando qualquer sinal da figura descrita por Lyra. Ela, por sua vez, mantinha o olhar fixo, tensa e concentrada, até que finalmente algo familiar chamou sua atenção. Seus olhos brilharam, e ela apontou discretamente para frente, reconhecendo Alysea entre os tritões que se moviam ao redor.

— Alysea! — gritou Lyra, a voz cheia de alívio.

A multidão ao redor parecia desaparecer por um instante para Lyra, enquanto Alysea ouviu o chamado. Virou o rosto, e um sorriso acolhedor iluminou seu semblante ao reconhecer a irmã.



Lyra correu sem hesitar, desviando das barracas e tropeçando levemente nas plataformas flutuantes, mas sem perder a direção. Alysea abriu os braços ao vê-la se aproximar.

— Lyra! Finalmente te encontrei, maninha. Onde você estava? — perguntou Alysea, abraçando-a com força.

Lyra correspondeu ao abraço, sentindo o calor familiar da irmã.

— Eu fui para a praça onde você disse que iríamos, mas você não estava lá e demorou a chegar! Então voltei aqui para te procurar.

Alysea riu baixinho, puxando Lyra um pouco para se afastar do aperto do abraço.

— Bobinha, eu estava te procurando aqui para irmos juntas.

Kazuki se manteve um passo atrás, observando a cena. Entre o movimento constante do mercado, ele parecia quase invisível, mas a sensação de missão cumprida lhe trouxe um breve alívio.

— Tá tudo bem, Kazuki me ajudou a encontrá-la... — disse Lyra, afastando-se do abraço e virando-se para ele, os olhos ainda radiando gratidão.

Alysea ergueu a cabeça e encontrou Kazuki com o olhar, curiosa.

— Kazuki? — perguntou, surpresa, acompanhando o gesto da irmã.

Kazuki sorriu, tentando parecer calmo apesar da confusão ao seu redor.

— Fico feliz que vocês duas estejam bem.

Alysea, embora um pouco surpresa ao ver um garoto humano ali, manteve o sorriso e agradeceu.

— Obrigada por ajudar a minha irmã.

Alysea respondeu, inclinando levemente a cabeça em sinal de cumprimento.

— Eu sou Alysea Oceandrit, muito prazer.

Ele fez uma leve reverência, sorrindo de volta.

— Kazuki Nakazawa. O prazer é meu.

O sorriso de Alysea se alargou, e ela gesticulou em direção a Kazuki com curiosidade.

— Ohh, então você é o jovem humano que veio treinar com o Mestre Marin. Estávamos te esperando.

Lyra congelou por um instante, seus pensamentos finalmente conectando os pontos que até então passaram despercebidos — que eram muitos.

— Espera... então você é quem estávamos esperando?! — disse, ainda incrédula, enquanto sua expressão se misturava entre surpresa e alívio.

Kazuki franziu a testa, confuso, e deu um passo à frente.

— Espere, como vocês me conhecem e estão sabendo disso?

Alysea soltou um riso leve, divertido pela ingenuidade de Kazuki e Lyra.

— Nós somos filhas do Mestre Marin Oceandrit, bobinho. — Lyra não conteve uma leve risada enquanto levava uma mão à boca tentando disfarçar.

Kazuki piscou algumas vezes, desconcertado. A revelação de que Alysea e Lyra eram filhas do Mestre Marin já era algo para processar, mas o que realmente o desarmou foi a forma espontânea e quase provocadora como Alysea o chamou de ‘bobinho’. Sentiu o rosto esquentar, desviando o olhar para a multidão ao redor, tentando recuperar a postura.

— Bem... acho que foi uma grande coincidência eu ter encontrado vocês aqui — murmurou, tentando afastar o foco da situação.

Alysea soltou uma risadinha leve, balançando a cabeça como quem se divertia com a tentativa dele de disfarçar.

— Coincidência mesmo. Não esperava cruzar com você no mercado central... — disse, erguendo uma sobrancelha com malícia em seu sorriso. — Mas me diga, o que exatamente você foi fazer na praça da cidade em vez de ir direto ao palácio?

Kazuki franziu a testa, visivelmente desconcertado e um tanto rançoso pela indireta.

— Ei, eu só me perdi, tá bom? Não é fácil se localizar em uma terra totalmente desconhecida, sabia?

Lyra suspirou, cruzando os braços como se a resposta fosse óbvia.

— Mas é muito fácil achar o palácio, é só seguir a rua principal e observar suas torres ao fundo.

As palavras dela atingiram Kazuki em cheio. Ele baixou os ombros, cabisbaixo, como se fosse engolido pelo peso da constatação.

— Talvez eu não seja muito bom em me localizar... admito — disse, num tom resignado, mas que trazia consigo um humor involuntário, arrancando de Alysea um riso abafado.

As duas não conseguiram conter uma risada leve. Lyra deixou escapar um riso rápido, enquanto Alysea ria de forma mais aberta, como se estivesse se divertindo com a reação exagerada do humano. Kazuki, por sua vez, suspirou fundo, aceitando que as duas estavam rindo dele, mas incapaz de esconder um pequeno sorriso que surgiu em seus lábios.

— Vocês duas não estão ajudando em nada, sabiam? — disse ele, arqueando as sobrancelhas com fingida seriedade.

— Ah, relaxa, Kazuki — respondeu Alysea, ainda rindo suavemente. — Pelo menos você admite quando está perdido. Isso já é algo.

Por alguns instantes, a leveza pairou entre eles, dissipando a tensão da busca e a estranheza do encontro inesperado. Mas então, Alysea retomou o tom mais sério, ajeitando uma mecha de cabelo que flutuava em torno de seu rosto.

— Bom, já nos divertimos o suficiente. Precisamos voltar logo ao palácio. O mestre Marin deve estar aguardando por você... — Seus olhos pousaram diretamente em Kazuki, firmes mas acolhedores. — É melhor chegarmos o quanto antes.

As palavras de Alysea fizeram o coração de Kazuki acelerar. A menção direta ao mestre Marin carregava peso. Ele assentiu, sem contestar.

— Certo... então vamos.

Lyra deu a mão à irmã, claramente aliviada por tê-la encontrado, e juntas começaram a guiá-lo pela rua principal. Agora, Kazuki já não precisava se preocupar em se perder: bastava seguir os passos firmes das duas tritãs.

À medida que avançavam, a movimentação do mercado foi ficando para trás. As barracas repletas de cores e aromas cediam lugar a ruas mais largas e menos tumultuadas, iluminadas por fileiras de lanternas de concha. E ali, ao fundo, finalmente surgiu o destino que tanto buscava.

O palácio real de Aquaris erguia-se com imponência ao final da avenida principal. Suas torres de cristal subiam em espirais até perder-se na vastidão azul acima, refletindo os brilhos do oceano como se fossem faróis eternos. Portões monumentais guardavam sua entrada, adornados por esculturas de criaturas marinhas ancestrais.

Kazuki parou por um instante, incapaz de não sentir o peso do que estava prestes a enfrentar. Seu coração oscilava entre ansiedade e determinação. A jornada até ali tinha sido apenas o começo.

E diante da visão daquele palácio colossal, compreendeu que o verdadeiro desafio apenas começava.

Capítulo 4 - Teste de Poder

Kazuki acabara de chegar aos campos do grande e imponente palácio, onde sua visão se perdia no vasto jardim azul. Flores e decorações tão belas que pareciam celestiais enfeitavam o ambiente, enquanto lagos cristalinos e pequenos rios serpenteavam suavemente pelos campos, criando uma paisagem única — algo que Kazuki jamais havia visto antes.

No centro do jardim, duas figuras se destacavam. Uma delas permanecia sentada de pernas cruzadas, a postura rígida e inquebrável, o semblante sério marcado por rugas discretas e longos cabelos azuis claros — quase brancos, sinais da velhice. Ainda assim, sua presença era imponente.

Ao lado dele estava outra figura, em pé. Mais jovem, vestia o mesmo quimono azul-claro, e seus olhos carregavam uma mistura de orgulho e arrogância. O olhar examinava Kazuki de cima a baixo, como se já o julgasse inferior antes mesmo de ouvir sua voz.

Alysea, caminhando ao lado de Kazuki e Lyra, respirou fundo antes de fazer a apresentação formal.

— Kazuki, este é nosso pai, o Grão-Mestre da Arte da Maré... Marin Oceandrit. — Sua voz soou firme, mas Kazuki percebeu a tensão em sua fala, como se o peso daquele nome fosse suficiente para estremecê-la.

Um pouco mais atrás, sentada nos degraus do hall de entrada do palácio, uma terceira presença chamava atenção. Era uma tritã de pele azul-escura, longos cabelos emaranhados que caíam em ondas desordenadas, e uma armadura ciano-escura robusta, contrastando com seu corpo feminino. Uma larga espada descansava presa em suas costas. No entanto, o que realmente marcava sua figura era o sorriso largo e travesso, os olhos brilhando de ansiedade, como quem aguardava impientemente o que estava prestes a acontecer.

— Isso vai ser interessante... — murmurou para si mesma, quase saboreando o momento.

Kazuki permaneceu em silêncio, sentindo o peso daquele encontro antes mesmo que qualquer palavra fosse dita. Diante de Marin Oceandrit, o jardim celestial parecia perder parte de sua beleza, tomado por uma tensão invisível. “Então é aqui que tudo começa...” pensou, dando um passo à frente, sem imaginar que aquele momento marcaria o início de uma provação que jamais esqueceria.